

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
28 de novembro de 2024

MERCÚRIO / 2024

um filme de Bernardo Gramaxo

Realização: Bernardo Gramaxo / **Direção de Fotografia:** Marta Ferreira / **Direção de Arte:** Beatriz Realista / **Imagem:** Martim Silva / **Edição:** Bernardo Gramaxo, Rita Quelhas / **Som:** Gil Fidalgo / **Sonoplastia:** Kiko Moreira / **Casting:** Joana Pote / **Color Grading:** Andreia Bertini / **Caracterização:** Raquel Laranjo / **Efeitos Especiais:** Fernão Gonçalves / **Interpretação:** Lorenzo Nóbrega, Vall Spirit Sant, Andreia Mendes, Carline D'Almeida, Carolina Teixeira, Cauê Matias, Eric Ribeiro, Eric Santos, Fernanda Martins, Flávia Duarte, João Carola, Maria Helena Vidigal, Rita Valente, Sanmyra Summer, Sara Soares, Sandra Baldé, Tatá Garrucho

Produção: The Takes / **Cópia:** digital, cores, legendado em português, 25 minutos.

DAMA NA CAPELA / 2024

um filme de Ricardo Franco

Realização: Ricardo Franco / **Argumento:** Ricardo Franco / **Pintura:** Ana Malta (num.para) / **Banda Sonora:** Nicholas Ratcliffe / **Vocalises:** Cheila Lima / **Violoncelo:** Bárbara Santos / **Filmagens de Drone:** Nuno Nico / **Montagem:** Ricardo Franco / **Interpretação:** Ana Marta Kaufmann, Joana Neves, Manuel Jerónimo, Ricardo Franco

Produção: Ricardo Franco / **Assistente de Produção:** João Gomes / **Produção Executiva:** Miguel Manso / **Apoio:** Museu Nacional de Arte Antiga / **Cópia:** digital, cores, 15 minutos.

ANEL DE PISTÃO / 2024

um filme de Ricardo Franco

Realização: Ricardo Franco / **Argumento:** Ricardo Franco / **Banda Sonora:** Mandacaru / **Direção de Fotografia:** Henrique Hirche, Nani Espinha / **Grading:** André Azevedo / **Direção de Som:** André Simões / **Edição e Mistura de Som:** Diogo Tavares / **Montagem:** Ricardo Franco / **Pintura:** Ana Malta (num.para) / **Música:** Barbante / **Interpretação:** Ana Marta Kaufmann, Ana Isabel Sousa.

Produção: Henrique Hirche, Ricardo Franco / **Assistente de Realização:** João Gomes / **Produção Executiva:** Diogo Tavares, Gato Escaldado, Ricardo Conceição / **Cópia:** digital, cores, 24 minutos.

com a presença dos realizadores

MERCÚRIO

E se os planetas fossem pessoas? Mercúrio é um ser celeste que vive nos nossos dias e coleciona os nossos sonhos nocturnos.

A cidade de Lisboa dorme, mas há algumas janelas acesas. Curioso com o que os humanos andam a sonhar, Mercúrio todas as noites visita a casa de várias pessoas e grava as suas histórias.

Pessoas reais que descrevem os seus sonhos mais recorrentes ou mais marcantes.

Criando uma colecção onírica única de momentos, ansiedades, sítios, personagens e vivências, em bruto.

É através da sua colecção que Mercúrio aprende a ser humano, a sentir. Mas esta noite será diferente; o seu melhor amigo teve um sonho especial.

No filme **Mercúrio** mundos se unem: a ficção científica e o documental.

Durante a produção foram entrevistadas 72 pessoas, 215 sonhos registados por escrito, 25 pessoas filmadas e 63 sonhos gravados.

Os sonhos são poderosos. É importante realçar o sonho individual e colectivo como um acesso às emoções, autoconhecimento, criatividade e à humanidade.

Quando foi a última vez que sonhei? Sonhei com o quê?

O realizador agradece à sua equipa técnica e artística, à família e amigos, assim como a todos os sonhadores e todas as pessoas que ajudaram a concretizar este filme. Por fim, um agradecimento especial ao Enzo pela sua dedicação, talento e alma.

Que os sonhos se tornem realidade.

Bernardo Gramaxo

DAMA NA CAPELA

Afecto e melancolia. A minha humilde obra no cinema experimental tem esta temática.

A Cinemateca é a casa que melhor guarda esse movimento do meu espírito. Na Cinemateca respira-se o encanto pelas manifestações mais sublimes da sensibilidade humana. O nimbo luminoso que resplandece na tela devasta-nos qualquer sensação de propriedade e deixa-nos em pasmo abismal diante de uma expressão bem maior do que a dimensão da nossa mundividência profana. Tenho amor a este lugar de imagens espectrais que nos obriga ao silêncio e ao encanto pela alma dos outros. Que a **Dama na Capela** possa respirar este ar é a maior das alegrias.

A Dama na Capela é uma pintura que teria sido criada com base numa descrição de uma memória. A mulher retratada é, pela natureza da pintura, intangível.

O personagem deste filme imagina a mulher real que terá existido e o encanto dele pela expressão das emoções naquela pintura é devolvido pela câmara à Joana, à mulher que o acompanha, ao mesmo tempo, íntima e distante. A montagem devolve ao rosto dela, em segredo, o que ele diz e sente pela figura da pintura.

O filme experimental interessa-se somente pela produção de figuras de estilo na montagem, insere-se no domínio do gosto sensível pela forma e não da tensão por um desfecho dramático ou da produção de uma qualquer mensagem de teor metafísico ou social. Não será um filme consensual, mas não lhe faltará candura.

Ricardo Franco

ANEL DE PISTÃO

A minha abordagem ao cinema narrativo foi bastante distinta da abordagem ao cinema experimental.

Entendi o cinema experimental como um veículo raro de corte e de fractura com a realidade, permitiu-me soltura na expressão de sensações e de emoções com a liberdade das figuras de estilo, com a liberdade da inscrição de intuições no imaginário, sem a estrutura de um enredo.

No entanto, pelo contrário, o cinema narrativo apresentou-se com um dispositivo enquadrado no paradigma de representação de um sentido, de um percurso, de uma lógica de causalidade da natureza e da realidade. Tratou-se de trancar as personagens num trilho e pegar-lhe fogo ao rabo, com um qualquer conflito.

O conflito é o medo epistemológico. É o terror de ver as personagens não saberem como conduzir-se na vida, não saberem o suficiente sobre a sua própria identidade, sobre as suas necessidades e os seus critérios de valoração, sobre os seus desígnios, sobre como se tomam decisões na vida.

Duas personagens partem numa viagem de despedida de solteira, as duas com o mesmo fito, a de se divertirem. O conflito não se figura pelo choque de vontades antagónicas das personagens, mas pela pulsão de morte, ela mesma, como expressão da inquietação humana perante as incertezas da vida.

O inconsciente da noiva procura a auto-sabotagem da celebração da entrega do seu futuro a uma determinação incerta. O casamento constitui, no filme, a expressão máxima de um problema constante da vida, a inquietação, a ansiedade, a incerteza daquilo que nos poderia dar a sensação de completude e de purga dos nossos traumas e dos nossos receios.

O filme não tem uma moral, tem o intuito único de exprimir o terror da dúvida, de não se ter bases para qualquer certeza na vida.

Ricardo Franco